

IMOGEN KEALEY

LIBERTAÇÃO

Planeta

Tradução

Flávia Souto Maior



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Darby Kealey, 2019
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020
Publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha por Sphere.
Novela por Imogen Robertson do roteiro de Darby Kealey.
Todos os direitos reservados.
Título original: *Liberation*

Preparação: Fernanda Cosenza
Revisão: Andréa Bruno e Fernanda Guerriero Antunes
Diagramação: Vivian Oliveira
Mapa: Viv Mullet
Capa e imagem de capa: Collaboration JS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Kealey, Imogen
Libertação / Imogen Kealey; tradução de Flávia Souto
Maior. – São Paulo: Planeta, 2020.
336 p.

ISBN 978-65-5535-130-9
Título original: *Liberation*

1. Ficção inglesa 2. Ficção histórica I. Título II. Maior,
Flávia Souto

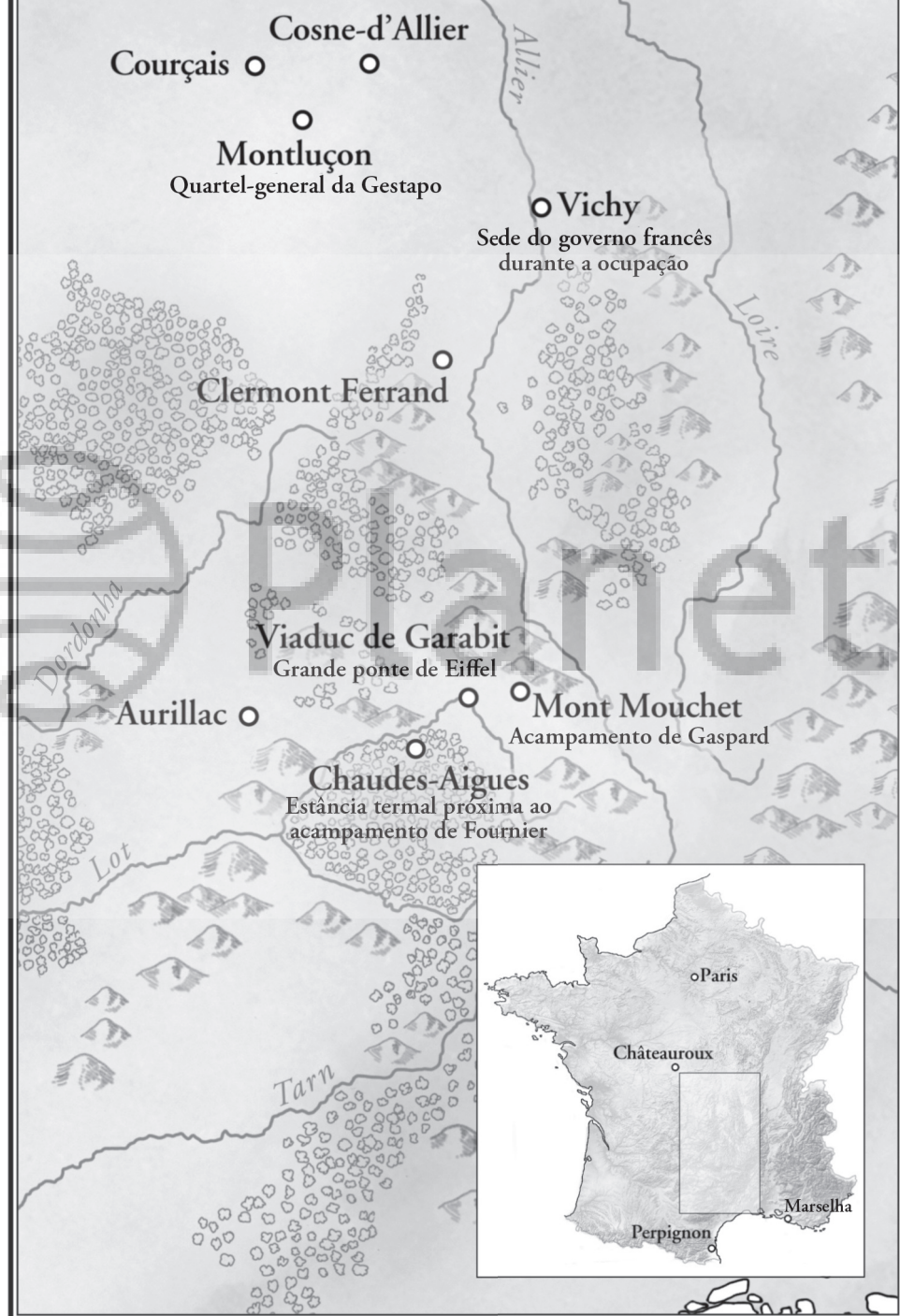
20-2717

CDD 813.6

2020
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

A França de Nancy Wake: 1943-1944



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



PARTE 1

MARSELHA, JANEIRO DE 1943

Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Foi uma má ideia. Uma péssima ideia. Droga.

Nancy fechou os olhos por um instante enquanto se agachava atrás dos escombros de uma parede detonada e respirava fundo. O cheiro dos prédios em chamas estava arranhando o fundo de sua garganta, a fumaça fazia seus olhos arderem e, espremida no estreito esconderijo, começava a sentir cãibra. Já podia ouvir nitidamente as vozes da patrulha alemã que se aproximava.

— *Auf der linken Seite.* — Do lado esquerdo.

A parede atrás da qual se escondia havia sido parte de uma casa no dia anterior, de um lar. Apenas uma entre os milhares de moradas estreitas daquela região de Marselha, onde os habitantes menos respeitáveis da cidade haviam, por anos, levado a vida à base de brigas, vigarices e barganhas, dia após dia.

Naquele momento, ela se abrigava nos escombros de uma sala pequena e suja, usando o segundo melhor casaco e o terceiro melhor par de sapatos de salto alto que possuía. Os malditos apertavam seus pés. O céu de inverno sem nuvens estava visível por entre as ruínas do andar superior, mas aquela sala tinha apenas uma porta. Ela cometera um erro idiota ao se esconder ali para evitar a patrulha alemã. Os agentes se movimentavam pelas ruínas enquanto seus colegas armavam explosivos mais acima, expulsando os ex-moradores do Bairro Velho de seus buracos. Indo de casa em casa. E aquela era a próxima. Sons abafados e o barulho de construções ruindo, juntamente com um ou outro estouro de tiros, ecoavam secamente do alto da ladeira.

— Eles encontraram mais uns ratos, rapazes — disse uma voz mais velha, provavelmente a do oficial superior.

— Mas eu quero o rato — um de seus homens respondeu, e eles riram.

A maioria dos amigos abastados de Nancy nunca teria sonhado em ir àquela parte da cidade, mesmo antes da guerra. Perigoso demais. Estranho

demais. Em seu primeiro dia em Marselha, no entanto, cinco anos antes, Nancy tinha ido parar nas ruas estreitas e íngremes do Bairro Velho e se apaixonado pelo lugar e pelos pecadores, bêbados e apostadores que encontrara ali. Amou todas aquelas cores e contrastes gritantes e confusos e mergulhou de cabeça. Tinha sido esse talento para ir a locais indevidos, é claro, que lhe tornara possível ganhar a vida como jornalista na França. E ela sabia que, sendo australiana, podia fazer coisas que a maioria das mulheres francesas, tão cuidadosas com sua reputação, nem sonharia em fazer. Desde então, Nancy circulava por aquelas ruas e vielas sinuosas sem medo, compartilhando cigarros com os rapazes da rua e trocando palavras obscenas com os chefes deles. Mesmo quando ficou noiva de um dos industriais mais ricos da cidade, Nancy não deixou de ir aonde bem entendesse. E funcionou muito bem. Quando a guerra começou e os suprimentos passaram a ficar escassos até mesmo nos territórios de Vichy, Nancy já era amiga de metade dos comerciantes clandestinos de Marselha.

— Está vazia, capitão!

— Certo, vamos para a próxima, rapazes.

Até que os nazistas chegaram com sua feiura e violência gratuita, lançando por terra a ilusão de que uma parte da França permanecia desocupada, e logo eles resolveram que a forma de lidar com os provocadores, contrabandistas e ladrões do Bairro Velho era incendiar suas casas e atirar em qualquer um que não conseguisse fugir.

Então, agachada atrás da parede, com a patrulha se aproximando cada vez mais, Nancy teve que admitir com relutância, mesmo que para si mesma: ter ido até lá em uma última missão enquanto soldados da SS vasculhavam os escombros em busca de sobreviventes e fugitivos havia sido uma ideia ruim, e ter ido até lá quando o único indivíduo que aqueles sádicos de coturno realmente queriam encontrar era o mensageiro da Resistência e contrabandista de pessoas conhecido como Rato Branco, sendo que ela, além de srta. Nancy Wake, ex-jornalista e princesinha mimada da elite marselhense, *era* o Rato Branco, tornava aquilo uma ideia muito ruim, péssima, nada inteligente.

Mas ela não tinha escolha. Toda missão de que participava era importante, porém aquela era vital e precisava acontecer naquele dia, mesmo que os alemães estivessem retalhando o mundo à sua volta. Nancy havia saído determinada do casarão de luxo em que morava com Henri,

passado escondida pelas patrulhas, rastreado seu contato, intimidado aquele canalha malicioso e inquieto para que honrasse sua parte do acordo e conseguido aquilo que tinha ido buscar. Trazia o pacote seguro sob o braço, embrulhado com as sandices adadoras de nazistas escritas pela imprensa de Vichy. Havia custado mil francos e valia cada centavo – se ela conseguisse voltar viva.

Precisava sair dali. Naquele instante. Jamais chegaria a tempo ao próximo compromisso se fosse capturada e interrogada, mesmo se eles caíssem naquela conversa-fiada: “Eu, oficial? Ah, virei na rua errada voltando do salão de beleza. Como está elegante com esse uniforme. Sua mãe deve estar tão orgulhosa”. Deus era testemunha de que ela havia se safado de muitos postos de controle nos últimos dois anos com flertes e piscadinhas, um pouco de ruge nos lábios e comunicados oficiais secretos e peças de rádio para a Resistência costurados no forro da bolsa ou amarrados com firmeza na parte interna da coxa. Mas Nancy precisava, *precisava*, chegar àquele compromisso.

Dois homens da patrulha já estavam no corredor. Que droga. Se ela conseguisse fazer com que voltassem para a rua, poderia sair correndo pelos fundos do prédio. Era isso ou sair atirando.

Ela pegou a bolsa, tirou o revólver e umedeceu os lábios. Não havia tempo para preocupações. Aquilo simplesmente precisava ser feito. Levantou a cabeça e espiou sobre a beirada da janela quebrada, para a esquerda e para a direita. A casa do outro lado da rua, ao leste, ainda tinha partes do segundo andar intactas. Alguém tinha economizado no explosivo. Nancy via uma mesa com um vaso posicionado bem no centro, em um cômodo que não tinha mais paredes nem teto. A única rosa que havia nele movimentava-se com as correntes de ar provocadas pelo fogo. Excelente.

Nancy abriu o tambor do revólver e o esvaziou, segurando as balas na palma da mão, depois as arremessou na rua estreita. Um dos soldados se virou franzindo a testa, sentindo movimento. Nancy prendeu a respiração, colada à parede. Um. Dois. Então um estalo repentino quando o fogo encontrou a primeira bala, depois a segunda.

— Devolver fogo!

Os dois soldados no corredor voltaram para a rua e começaram a atirar no prédio em chamas. Nancy sentiu o cheiro da cordite nas roupas deles quando escapou da sala e correu para os fundos da casa. A patrulha

ainda estava atirando em fantasmas. Ela abriu a porta dos fundos, correu pelo quintal estreito e repleto de escombros e mergulhou no labirinto de vielas sem nome até parar na relativa paz da Rue de Bon Pasteur. Vazia. Correu ladeira abaixo com um gritinho vitorioso, o pacote ainda debaixo do braço e a mão enluvada segurando o elegante chapéu de palha, esforçando-se para não rir e deslizando até a praça como uma criança descendo uma ladeira de bicicleta.

Deu de cara com outra patrulha. Ou quase. Eles estavam de costas para ela. Nancy se jogou novamente contra a parede mais próxima e subiu um pouco a ladeira. Da janela superior de uma casa do outro lado da rua, um gato que a observava piscou.

Nancy olhou para cima e colocou o dedo na frente dos lábios, esperando que a criatura não percebesse, àquela distância, que ela tinha mais afinidade com os cães. Sessenta centímetros adiante, viu a sombra de uma abertura na rua vazia. Um beco, quase estreito demais para atravessar e cheio de sabe-se lá que tipo de lixo.

Ela alcançou a passagem e entrou de lado, tomando cuidado para não deixar o casaco encostar nas paredes, que estavam estranhamente enebadas, assim como as pedras sob seus pés. Nossa, o cheiro. Nem os bueiros do mercado de peixe no meio do verão fediam daquele jeito. Ela respirava pela boca, ensurdecida pelas batidas do próprio coração. Esperava que a empregada conseguisse salvar seus sapatos, mesmo apertados. Ouviu as vozes da patrulha novamente. Havia capturado algum coitado, e dava para escutar os gritos que lhe dirigiam, assim como suas respostas mais mansas. Ele soava desesperado, temeroso.

— Não demonstre que está com medo, amigo — ela sussurrou por entre dentes cerrados. — Eles só ficam mais irritados.

— De joelhos!

Nada bom. Nancy olhou para a faixa estreita de céu azul no alto e rezou. Ela não acreditava em Deus, mas talvez aquele francês acreditasse, ou o alemão armado. Quantas pessoas estavam escondidas nas casas à volta deles naquele instante, ouvindo, mas assustadas demais para sair? Talvez estivessem rezando também. Talvez aquilo fizesse alguma diferença. Talvez não.

Ela ouviu o clique do ferrolho de um fuzil sendo posicionado, depois um grito e, então, passos apressados ladeira acima, na direção de seu

esconderijo. O idiota estava tentando correr. O estrondo do tiro ecoou nos muros altos. Ela ouviu o suspiro gutural muito perto quando a bala o atingiu, e olhou de soslaio a tempo de vê-lo cair com os braços diante do corpo, paralelo ao seu esconderijo, no meio da via íngreme calçada de pedras. O rosto dele estava virado para ela. Nossa, era apenas um garoto. Dezoito anos, no máximo. Nancy o encarou, e parecia que ele a via. Tinha a pele morena de um rapaz nascido sob o sol de Marselha, olhos de um castanho intenso, maçãs do rosto protuberantes. Vestia a camisa de linho sem colarinho que todos os trabalhadores da área usavam, com o tecido fino de tanto lavar, mas de um branco ofuscante mantido por uma mãe dedicada. Meu Deus, a mãe dele. Onde estaria? Uma poça de sangue se formava sob o peito dele e escorria pela ladeira, por entre as pedras arredondadas. Os lábios se moviam como se ele tentasse sussurrar algum segredo. Então a visão dela foi bloqueada pelas botas de um soldado alemão. Ele olhou na direção da praça e gritou algo que Nancy não conseguiu entender. Uma resposta curta.

O soldado tirou o fuzil do ombro e levantou o ferrolho. Deu meio passo para trás, de modo que Nancy pôde ver o rosto do rapaz novamente. O mundo se resumia àquele trecho de rua de pedra, a parede de gesso amarelo do lado oposto tomada pela luz do sol, o movimento dos lábios do rapaz moribundo. *Crac!* Sangue e massa encefálica jorraram pela rua. O corpo se contorceu e depois ficou imóvel, a luz em seus olhos de repente extinta.

Nancy sentiu uma nuvem de raiva lhe subir pelo corpo. Cretinos, assassinos sem escrúpulos. Colocou a mão na bolsa e segurou o revólver, mas se lembrou subitamente de que ele estava vazio.

— Ah, merda! — o soldado disse em voz baixa, limpando uma mancha de sangue da barra do uniforme.

Havia ficado perto demais. Da próxima vez, tomaria mais cuidado. Ele olhou para a janela onde o gato estava, depois para a direita e para a esquerda, até o fim da rua. Nancy não tinha para onde ir. Um instante a mais e ele a notaria, e não havia nada que ela pudesse fazer. Sem poder matá-lo, teria que sair daquela situação na conversa. Começou a pensar em desculpas e bajulações. Deveria bancar a garota assustada? Ou talvez a dona de casa francesa indignada, peitando até mesmo a SS com um sermão sobre a riqueza do marido e os amigos do alto escalão? O ataque

pode ser a melhor forma de defesa. Só poder berrar na cara dele já seria um prazer, mesmo que no final ela acabasse levando um tiro.

Outro grito veio da praça, e o soldado se virou. Ele desceu a ladeira, pendurando o fuzil no ombro e deixando o Rato Branco, que tremia de raiva, em seu esconderijo.

Ela tinha que esperar, então contou até cinquenta e observou o rosto do homem morto. Um. Hitler discursando em Berlim, Nancy em meio a um pequeno grupo de jornalistas, sem entender as palavras, mas sentindo o entusiasmo selvagem e repulsivo da multidão. Ela olha para os amigos, todos correspondentes estrangeiros baseados, como ela, em Paris, todos, como ela, na Alemanha para ver com os próprios olhos o que aquele homenzinho engraçado pretendia fazer. Todos são mais velhos e mais experientes que Nancy, mas parecem, sem exceção, tão assustados e indignados quanto ela. Dois. Viena, brutamontes com as camisas pardas da Sturmabteilung batendo nas vitrines dos estabelecimentos de judeus, arrastando os donos para as ruas pelos cabelos e os açoitando na frente dos vizinhos. Os vizinhos virando as costas. Os vizinhos rindo e aplaudindo. Três. Polônia invadida, a declaração de guerra e os meses de espera que se seguiram. Quatro. Enchendo sua ambulância de refugiados enquanto a França caía. Cinco. Combatentes alemães metralhando as fileiras de mulheres e crianças que fugiam. Seis. Henri voltando de sua passagem pelo *front* deprimido e humilhado pela velocidade com que a França fora derrotada. Sete. O dia da queda de Paris.

As imagens vinham em uma procissão ordenada. Nancy cerrou os punhos. Naquele dia em Viena, havia jurado que, se tivesse qualquer chance de prejudicar os nazistas, ela a aproveitaria, e tudo pelo que havia passado desde então apenas fortalecera aquela convicção. Ela se alimentava do ódio por eles. Desfrutava de cada pequena vitória. Acreditava que Hitler era um homem louco e que arremeter contra a enorme fortaleza que era a Rússia acabaria com ele. Ela faria todo o possível para que o colapso de seu regime cruel e repleto de ódio chegasse um pouco antes. Sabia que deveria ter medo, ficar quieta, manter-se longe de problemas e esperar até que Hitler e seu bando asqueroso implodissem, mas estava furiosa demais para ter medo, e não conseguia se calar.

Cinquenta. Aquele homem. Aquele garoto, pego na ocupação e destruição do Bairro Velho de Marselha, assassinado casualmente por um

invasor com um fuzil. A luz deixando seus olhos. Nancy voltou para a rua e desceu até a feira sem olhar para o cadáver. Ela nunca o esqueceria. Tirou a tranca da bicicleta que estava presa perto do chafariz e, com o pacote na cesta de vime, deixou a praça pedalando.

Quando chegou à orla, a deslumbrante joia mediterrânea sob o céu frio de inverno, tirou a luva, inclinou-se para a frente e passou a unha perfeitamente esmaltada na beirada do embrulho de jornal, abrindo-o com a precisão de uma faca. No pacote, havia uma garrafa de Krug 1928, champanhe da mesma marca e safra que Henri pedira na noite em que se conheceram em Cannes. Nancy virou o pacote para o rasgo não aparecer e seguiu de bicicleta em direção à parte elegante da cidade, onde Henri e ela viviam juntos desde o início da guerra. O choque de ter visto o homem morrer estava passando. Ela levantou o rosto para o sol e deixou a brisa esfriar sua pele. Danem-se os alemães. Eles já haviam colocado o preço de cem mil francos pela cabeça de Rato Branco, então ela devia estar fazendo algo certo. Cem garrafas de excelente champanhe do mercado clandestino. Ela brindaria àquilo, mas no momento estava indo para casa se vestir para o próprio casamento.

Henri Fiocca observava da janela de seu quarto de vestir enquanto Nancy subia a rua. Ele sentiu o coração flutuar e teve a sensação familiar de admiração, medo e raiva. Até no dia do casamento ela tinha que sair em alguma missão. Provavelmente cartas para a Resistência, documentos falsos para mais um refugiado desesperado sair da França, peças de rádio para células da Resistência ali mesmo em Marselha, em Cannes, em Toulouse. Nancy estava sempre em um trem arriscando a vida para levar dinheiro e mensagens a algum amigo misterioso de um amigo. Ele detestava aquilo. A natureza flexível e improvisada da rede da Resistência a obrigava a confiar em estranhos, e naqueles dias não se podia confiar nem na própria família. Henri era patriota – detestava os alemães com uma fúria violenta que se equiparava à de Nancy, por isso compartilhava seu dinheiro e sua mesa com qualquer um que pudesse prejudicar o inimigo. Ainda assim, desejava não ter que compartilhar sua futura esposa com eles. Nancy parecia ter nascido destemida, mas Henri sabia o que era o medo. Seu amor por ela havia lhe ensinado aquela lição.

Quando ela desapareceu para dentro da casa, ele colocou a mão na vidraça e sussurrou o nome dela. Aquela garota invadira sua vida como um meteoro, espalhando luz, magia e caos em igual medida por onde passava. Apaixonou-se por Nancy imediata e completamente, na mesma noite em que se conheceram. Foi como a queda de um abismo para o abraço chocante do mar, mas ele não sabia ao certo o que ela queria dele. Era tão mais velho do que ela, e sua vida, apesar do luxo, era tão desinteressante em comparação à dela. Depois de um ano, descobriu que Nancy não ligava para o dinheiro. Ah, ela gostava de gastá-lo, assim como gostava de todos os novos prazeres que pudesse encontrar, mas o fazia com o encanto de uma criança. Aos poucos, Henry ficou sabendo sobre a infância miserável de Nancy e sua fuga da Austrália para os Estados Unidos e para Londres aos dezesseis anos; o desespero de colocar um oceano,

meio mundo, entre si e aquela infância infeliz se transformou em um desejo selvagem pelo prazer e em uma independência feroz. Depois de mais um ano, Henri percebeu que até Nancy precisava de alguém com quem contar de vez em quando, e ela o havia escolhido.

Ela o havia escolhido.

O orgulho estufava seu peito.

Naquela noite, ele poderia chamá-la de esposa. Sabia que ela não pararia de gastar seu dinheiro e de correr riscos insanos para ajudar a Resistência só pelo fato de estar casada com ele – não tinha ilusões quanto a isso –, mas naquele dia e naquela noite, pelo menos, saberia onde Nancy estaria, saberia que ela era dele.

— Talvez *eu* deva falar com Nancy — disse uma voz atrás dele, fina e anasalada. — Se ela não consegue chegar na hora marcada com a cabeleireira no dia do próprio casamento, talvez nem queira se casar.

Henri virou o pescoço. Sua irmã estava empoleirada na beira da cama como um garça velha. Tinha sido bela quando jovem, mesmo com aquele rosto alongado e os lábios finos. Mas, apesar de toda a riqueza que possuía, de alguma forma se tornara amarga, e aquilo a deixara feia, ele acreditava. Ela havia insistido em acompanhá-lo até o andar de cima quando ele disse que ia se vestir, desesperada por uma última chance de convencê-lo a desistir do casamento.

— Pode tentar se quiser, Gabrielle. Mas ela vai dizer para você ir embora e deixá-la em paz. E lembre-se de que Nancy não se contém em nome do amor fraterno. Eu não vou expulsar você do quarto, mas ela vai.

Gabrielle ignorou a insinuação, por mais explícita que fosse. Continuou com a voz aguda e lamuriosa como um mosquito:

— Tenho que dizer uma coisa, ela sabe xingar em francês como um marinheiro prestes a partir. Onde ela aprendeu esse linguajar, Henri? É repugnante.

Henri sorriu. Ouvir Nancy extravasar na língua que ela havia adotado era um dos grandes prazeres da vida dele.

— Ela é uma linguista nata, Gabrielle.

— Bobagem! Nada de dote! Ela se recusa a se converter ao catolicismo! Ao menos acredita em Deus?

— Duvido.

As queixas ficaram mais agudas:

— Como pôde, Henri? Como pôde manchar nossa família com essa vagabundinha australiana?

Aquilo foi longe demais. Até o amor fraterno tinha seus limites. Henri levantou a irmã da cama pelos ombros e a empurrou com firmeza em direção à porta.

— Gabrielle, se falar da minha esposa dessa maneira mais uma vez, nunca mais vai colocar os pés na minha casa. Se eu tivesse que trocar meu dinheiro, meus negócios, minha querida família por uma hora da companhia de Nancy no pior bar de Montmartre, não hesitaria nem por um segundo. Agora saia.

Gabrielle se deu conta de que havia exagerado, e seu tom de voz tornou-se suplicante.

— Só estou pensando em você, Henri — ela disse enquanto ele lhe fechava a porta na cara.

Ainda bem que ela não sabe nada sobre o trabalho de Nancy na Resistência, Henri pensou. A irmã daria um jeito de falar com a Gestapo em um instante – uma mistura de ódio de Nancy e ganância pela recompensa oferecida a deixaria ávida por sujar as garras de sangue.

Ele se olhou no espelho e ajeitou o cabelo. Os amigos lhe diziam que parecia mais jovem desde o início da guerra. Ele não queria responder que eram eles que estavam envelhecendo mais rápido. Não queria ofendê-los – fiéis como eram, a seu modo, às esposas – apontando que Nancy, fugitiva adolescente do outro lado do mundo, havia lhe dado propósito e esperança enquanto eles estavam assolados, em choque com a derrota da França, a fuga dos soldados britânicos de Dunquerque e, depois, o terrível bombardeio da esquadra francesa em Mers-el-Kébir, na costa da Argélia francesa, ordenado por ninguém menos que o próprio Churchill. Mais de mil franceses mortos por bombas britânicas. Aquilo abalara seus conterrâneos, e tantos deles haviam se refugiado em casa diante dos acontecimentos que os alemães agora achavam que eram donos do país inteiro. Não eram. A França se ergueria no final. Nancy o fazia acreditar naquilo. Como seria a vida sem ela? Ele estremeceu. Infernal, cinza.

E, é claro, Nancy também parecia ser a melhor amiga de todos os comerciantes clandestinos da Riviera. A mesa estava sempre farta de carne fresca, então eles a compartilhavam com os amigos que não tinham

conexões nem dinheiro. No último ano, Henri não se lembrava de ter feito uma refeição em casa sozinho com Nancy.

Ouviu uma batida na porta.

— O que foi? — ele disse com rispidez, achando que a irmã tinha reunido coragem para um último ataque.

Nancy deslizou para dentro como um gato. Não fazia mais de dez minutos que chegara em casa, mas lá estava ela, com os cabelos cacheados e presos no alto da cabeça, emoldurando o rosto em forma de coração, os lábios volumosos vermelho-cereja contrastando com o pó branco na pele, o vestido azul deslizando sobre as curvas de seus seios e quadris.

— De agora em diante, é assim que vai me receber quando eu bater na porta do seu quarto de vestir?

Ele andou na direção dela com brilho nos olhos, mas ela levantou uma das mãos.

— Não me desarrume, seu monstro! Só queria avisar que já estou pronta para virar uma mulher honrada, caso a Gabrielle não tenha feito você mudar de ideia. — Ela deu uma piscadinha. — Mas eu acabei de vê-la lá embaixo choramingando com um lençinho na mão, então imagino que não tenha sido bem-sucedida.

Ele colocou as mãos na cintura dela, sentindo a seda azul do vestido deslizar sobre a pele, mas não tentou beijá-la.

— Como pôde sair hoje, Nancy? No meio desse inferno. No dia do nosso casamento.

Ela colocou a mão no rosto dele.

— Sinto muito, mas não resmungue comigo, Ursão. Era importante. Para mim, pelo menos. Estou em casa agora.

— Viu os novos pôsteres oferecendo cem mil pelo Rato Branco? Parece que sua façanha de soltar os prisioneiros de Puget não passou despercebida.

— Valeu a pena — ela disse, tirando com cuidado as mãos dele de sua cintura antes que ele estragasse a seda delicada e extremamente cara. — Aqueles homens podem fazer alguma coisa agora. Embora aquele britânico da força aérea fosse um idiota. Reclamou da comida e de como o esconderijo estava lotado, como se todos nós não tivéssemos corrido o risco de acabar fuzilados para salvar a pele dele.

Henri se afastou um pouco. Gabrielle estava sempre falando das outras mulheres que ele poderia ter escolhido como esposas: garotas francesas belas, elegantes e obedientes. Elas organizariam as contas com cuidado, ficariam quietas em casa. Mas qualquer outra mulher do mundo desaparecia quando ele pensava em Nancy. O fogo que havia nela, a língua afiada. A recusa a ser intimidada. Ela enfrentava o mundo como uma lutadora. O contraste de imagens – um enorme boxeador machucado e aquela linda mulher que usava seda azul e batom vermelho – o fez rir. Ela olhou para ele sem entender nada.

— Rato Branco não é um bom nome para você, Nancy. Você é uma leoa. Agora... podemos nos casar?

Ele vestiu o blazer e ela se aproximou para lhe ajeitar a gravata. Ele sentiu o perfume Chanel na pele morna dela.

— Sim, *monsieur* Fiocca. Podemos.

A festa no Hotel du Louvre et Paix foi um sucesso absoluto. Nem mesmo os olhares feios da família de Henri foram capazes de diminuir aquele triunfo exultante. Caso as pessoas estivessem se perguntando como a nova madame Fiocca havia conseguido colocar as mãos em tamanha profusão de itens de luxo, guardaram as dúvidas para si e mergulharam de cabeça nos prazeres.

Nancy estava extremamente feliz. Sabia que a festa seria assunto na cidade e que deixara Henri orgulhoso. Cada hora discutindo com *chefs*, floristas e costureiras havia valido a pena. Engula essa, Marselha. Ela pegou na mão dele sob a mesa no salão de baile dourado. Ele estava de costas para ela, trocando piadas com um de seus gerentes do estaleiro, mas apertou a ponta dos dedos dela e acariciou a palma de sua mão com o polegar de um modo que a deixou arrepiada.

— Madame Fiocca — disse uma voz ao lado. Era Bernard, *maître* do hotel e um dos amigos preferidos de Nancy.

Ele se afastou para permitir que um de seus garçons colocasse o balde de gelo ao lado dela e taças limpas diante dos noivos, depois tirou a garrafa gelada do balde, mostrou a ela e, com seu consentimento, abriu. A rolha suspirou em suas mãos experientes e ele serviu a bebida aos dois.

Henri parou de conversar com o amigo, viu o rótulo e a safra e soltou uma gargalhada.

— Como conseguiu isso, Nancy?

— Eu disse que saí em uma missão muito importante hoje, Ursão.

Ele balançou a cabeça, mas pegou a taça da mão de Bernard com um sorriso relutante nos lábios.

Ela se levantou e bateu com um garfo na taça cheia. De canto de olho, viu Gabrielle se retesar ao lado do pai, Claude, igualmente hostil. Uma noiva fazendo um brinde no casamento? Absurdo! Ah, sim, Nancy faria um brinde.

Ela balançou as mãos no alto.

— Silêncio, seus danadinhos!

O líder da banda interrompeu os músicos de imediato, e os amigos de Nancy pediram silêncio uns para os outros em meio a risadinhas. Nancy ergueu a taça.

— Obrigada! Bem, meu pai não pôde estar aqui hoje, mas ele mandou lembranças de Sydney. — Estava inventando essa parte. Não via o pai desde os cinco anos de idade. — E minha mãe não foi convidada. Se a conhecessem, saberiam que esse foi meu presente a todos vocês. — Aquela mulher horrível naquela casa horrível, uma Bíblia em uma das mãos e a bengala na outra. Que apodrecesse. — Então vou tentar fazer um brinde eu mesma. Gostaria de brindar ao meu marido esta noite — ela fez uma pausa para as aclamações e assobios — com uma Krug 1928, porque foi a safra que ele pediu no dia em que nos conhecemos, quando a França ainda era livre. Mas, com guerra ou sem guerra, com nazistas em nossas ruas ou não, digo a vocês que esta noite, enquanto tivermos a liberdade em nossos corações, a França ainda é livre. Henri, sei que sou uma esposa difícil, cara e importuna, mas você é meu porto seguro e, juntos, vamos construir uma vida digna desta safra. Eu juro.

Henri se levantou e encostou a taça na dela. Por um momento, quando seus olhares se encontraram, eles eram as únicas pessoas no mundo.

— Madame Fiocca — Henri disse, tomando um gole de champanhe.

Alguém na multidão suspirou profundamente e até Nancy sentiu lágrimas de emoção se formando no fundo dos olhos. Não. Aquela era uma noite de festa.

— Dane-se o decoro — ela disse, e entornou a bebida de um gole só, depois se virou para o público e abriu seu melhor, maior e mais irresistível sorriso.

Eles vibraram, um urro pleno de empolgação e rebeldia. O líder da banda entendeu a deixa e iniciou uma versão acelerada de “When the Saints Go Marching In”. Os garçons começaram a limpar as mesas e tirá-las do caminho para que a dança tivesse início, auxiliados pelo entusiasmo cambaleante dos amigos mais infames da noiva.

Henri colocou a taça na mesa e beijou Nancy. De canto de olho, ela notou Gabrielle secando os olhos com um guardanapo de linho, e então correspondeu ao beijo com vontade, inclinando-se nos braços dele como uma estrela de Hollywood em êxtase. Os aplausos e gritos foram altos o bastante para serem ouvidos em toda a orla marítima.



Planeta